



A NARRATIVA NO LIVRO DE ARTISTA: JEAN LE GAC E SOPHIE CALLE

Márcia Arbex

UFMG

O tema de nossa proposta é a poética dos livros dos artistas contemporâneos Jean Le Gac (França, 1936) e Sophie Calle (França, 1953), caracterizada principalmente pelo discurso misto, ou seja, a justaposição de narrativas e imagens fotográficas, para criar "mitologias pessoais".

Jean Le Gac diz ter abandonado a pintura em 1968 para se dedicar à fotografia e à forma narrativa. Em *Le Peintre, exposition romancée* (1978), *Le Peintre de Tamaris près d'Alès* (1979), entre outros trabalhos, o artista se dissimula por detrás de um pintor fictício para narrar sua "vocação, embrião de lenda de artista", como sugere Metken no catálogo, refletindo o que diz o título "exposição romanceada". O trabalho de Sophie Calle, por sua vez, pode ser aproximado do anterior no que se refere à importância atribuída à ficcionalização do eu e ao caráter intertextual de sua poética. Assim como Le Gac, a artista se tornou conhecida pelos trabalhos em que o texto e a imagem se combinam para encenar histórias e situações que recriam a vida cotidiana dos outros e a de si-mesma, estabelecendo uma relação paradoxal entre ficção e realidade, uma autoficção. Essas "mitologias pessoais" podem ser vistas/lidas em *Douleur exquise, Suite vénitienne*, *Le Rituel d'anniversaire* ou *Le Carnet d'adresses*, entre outros. Nosso interesse repousa nos trabalhos em que a artista levanta questões sobre



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

os limites da noção de autor, de ficção e de autobiografia, bem como nos trabalhos em que a noção de descrição adquire um caráter peculiar, como na trilogia *L’Absence* (2000).

Interessa-nos, portanto, não apenas interrogar os laços que Jean Le Gac e Sophie Calle estabelecem entre a narração e a fotografia, mas também o papel das alusões e citações à arte intercaladas no texto. O livro de artista, como obra multimídia, por recorrer ao texto e à imagem simultaneamente, cria novas relações entre o escritural e o icônico, coloca em questão o livro de artista enquanto gênero e demonstra o intrínseco e inesgotável diálogo entre o legível e o visível.

Narração, fotografia, autoficção